



Quinzenário Humorístico e Literário

DIRECTOR E EDITOR,
Artur Fernandes de Freitas

ADMINISTRADOR,
Alberto Pimenta Machado

SECRETARIO DA REDACÇÃO — A. Faria.

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A Sentinela»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de Camões, 55 ☉ Typ. Minerva Vimaranesense

COMPOSTO E IMPRESSO NA

I ANO Guimarães, 7 de Janeiro de 1917 NUMERO 8

AINDA A BATOTA

Ainda a batota?!
Ainda e sempre!...

Pois é verdade, caríssimos leitores, apesar de em o nosso ultimo numero pedirmos e supplicarmos quasi de mãosinhas erguidas, para que fosse posto um freio ao jogo, continua impune e descaradamente a jogar-se o monte ou seja a maldita batota!

Todas as tardes e todas as noites continuam a armar o gallo.

Esta é que é a verdade!

Os snrs. batoteiros fazem o que querem e sobra-lhes tempo.

Continuam a não se importarem com o que a seu respeito dizem os jornaes.

Lerias, tretas, cantigas!...

Vão jogando sempre, isto é, vão armando sempre o gallo sem receio d'um assalto da policia.

Nós bem sabemos, nós sabemos perfeitamente que pedir providencias é escusado; é prégar no deserto.

Mas é o mesmo! Paciencia!

Calar é que não nos calamos embora nos ameacem com taponas e com puns!... Embora nos cosam a facadas!... Havemos de berrar e barafustar!

Havemos de fazer um barulho e um sarrabulho de mil demônios!

Olé!

Ha-de ser um ribombar e um malhar sem dó nem piedade!

Havemos de ser peores do que um canhão 42!

Olé se havemos!

Querem comer do bó e do melhor e andar de costa direita sem trabalhar?!

Não pode ser!

Trabalhem, trabalhem, que o trabalho por mais humilde que seja não envergonha ninguem.

Trabalhem

«.....que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.

Não sabem trabalhar?!... Homens essa agora!...

Vão quebrar cascalho para o

monte que é incomparavelmente melhor do que andarem por essas infamissimas espeluncas a arruinarem a saude, a estragarem dinheiro e a perderem a vergonha!

Tanta batota é demais!

Urge acabar com tão refinadissimo escandalo!

Havemos de berrar, gritar e constantemente exclamar com toda a força dos nossos esplendidos pulmões:

Abaixo o jogo!

Abaixo a batota!

Abaixo a Falperra!

Falperra?!

Upa!... Upa!...

Só temos pena de estarmos um pouco cansados, devido a termos andado hontem a cantar —Os Reis—senão começava hoje mesmo a trovoadada acompanhada de raios e coriscos. Mas o que não se pôde fazer em dia de Santa Maria, faz-se noutro dia, ou seja, no proximo numero do nosso jornal.

O melhor calçado é o da Sapataria Elegante

Concerta-se e faz-se por medida

Passeio da Independencia—Guimarães

Prometemos e não faltamos, creiam.

Salvo se d'aquí até lá apanharmos um estoíro. Mas emquanto o estoíro ou o pum não vêm, vamos dizer a vossas excellencias uns versinhos que ha muitos annos lemos no jornal *A Parodia*.

São muito engraçados, vêm a proposito e traduzem a expressão da verdade.

Ora oiçam:

A batota!

Sobre o tapete verde as cartas são dispostas
A duas pela frente a duas pelas costas.
(Primeira operação que dá pouco trabalho).
Cada par d'estes dois é que se chama um **galho!**
O banqueiro conserva o baralho voltado
E costuma fingir-se um pouco amedrontado
Quando o **ponto** colloca o dinheiro. Por fim
Dando uma volta á mão, prega um **carabolim!**
Ar contrietado então do **ponto**, o qual exclama:
—jogo! torna a saltar quinze tostões na dama!
jogo! diz o banqueiro áquelle que fallara
E sem pestenejar tira a dama de **cára**.
Ficam só tres cartas, pois na meza. E' uma vantagem!
O **ponto** que sabe isso, encheu-se de coragem,
E resolve **micar** numa d'ellas; porém
Aquella em que **micou** essa é que nunca vem!
Como se vê o jogo é muito divertido;
Depois para o jogar basta um doído varrido
E em frente ou mesmo ao lado, apenas um banqueiro.
O resto é ter palpito e metter-lhe o dinheiro.
.....
São por vezes ficar o ponto sem vintem...
Mas augmenta o saber, e por tanto, está bem!!

Que tal? Gostaram?

São ou não a expressão da verdade?

Vossa excellencia esta-se a rir!

Ah! que vossa excellencia tambem já fez o seu **mico!**...

E' verdade ou não?!...

O que é verdade: é nós continuarmos a campanha contra o jogo embora os nossos collegas estejam calladinhos como pêtos!

Agradecimento

Ao nosso presado colega «*O Republicano*» apresentamos os nossos agradecimentos pelas amaveis palavras dirigidas ao nosso numero especial, dedicado a Braulio Caldas.

“O SONHO D'UM OPERARIO,,

BREVEMENTE

Crueidade

Numa das ultimas manhãs presenceamos, por accaso, no Toural, uma scena que nos incommodou e deveras impressionou.

Eis o caso:

Passava tranquilo e socegradamente um misero cachorrito que ia dar o seu giro.

Não era um luxuoso e bem tratado *Terra-Nova* nem tão pouco um *bulldogue* atrevido e refilão. *Era um pobre cão vadio, que não tinha colleira e não pagava imposto...*

E um zelador, um homem, a quem a Camara paga para ver se o leite é adulterado e apanhar aquelles ou aquellas que aos sabbados andam a assambarcar os ovos e as gallinhas, para depois venderem por um preço bonito, ao lobrigar o inofensivo animal, assobia-lhe e tirando do bolso uma bolinha offereceu-lha delicadamente.

O pobre bicho, coitado, não desconfiando da *generosa* offerta e convencido de que era *bolo rei*, accitou e chamando-lhe um figo, passou rapidamente ao *estreito* a tal bola que em breves momentos lhe deu a morte.

Um rancho de creanças e de mulhéres basbaques gargalhavam doidamente ao verem o pobre animal a debater-se naquelle horroroso soffrimento!

Triste espectáculo, não é verdade?!

Ora digam-nos, vossas excellencias, não haverá outra maneira menos barbara e menos cruel de exterminar os pobres bichos, se é uma necessidade exterminá-los?!

Talvez!

Quem nos pode informar e dizer algo a respeito de tal assumpto é o snr. A. L. de Carva-

lho, presidente da *Sociedade Protectora dos Animaes*.

Estará o distincto plumitivo para nos responder a nós, pobre *Sentinela*, que no jornalismo vi-maranense occupamos o humilde lugar de soldado raso?!

Isso agora!...

A ver vamos.

LITTERATURA D'ALDEIA

O MORGADO

Que triste aquella é um nascer morgado, Rustego acaijo sempre por seu mal. Ser grande popietairo do que val; Se elle é probé d'esprito, o abastado?

Mal sabe ler, é stupedo acabado: E muitos coma si tem sorte igual. E' ralo q'um morgado seja tal, Que se veja seu nome alumiado.

E' perca; pois s'é rico, dar devia A seus irmãos segundos da riqueza. E Cristo o dixé muita vez ao dia:

Tenho ouvido dezer (e é certeza), Q'o grande livro da Felosofia Considra nguaes os homes na Natreza.

MOKACYL.

“O Sonho d'um operario,,

BREVEMENTE

Orfeon de Guimarães

Está efectivamente constituído um orfeon nesta cidade.

Amanhã, nos amplos salões do antigo colégio das Dorotéas, principiará aquelle enorme conjunto de vozes a deliciar os ouvidos dos transeuntes.

Lêmos que já estão inscriptas 100 pessoas.

100 pessoas! Oh com os diabos! O que ahi vae de cantoria!

Emfim, quem canta seu mal espanta...

Quem canta seu mal espanta, Diz o rifão popular; Esta vida são dois dias, Rapazes toca a cantar.

As senhoras devem trajar e preferença os vestidos «Genero Tailleur». São os mais elegantes, os que ficam sempre mais bonitos, e sobretudo muito mais economicos. O «Alfaiate» vai a casa tirar medidas e levar os figurinos. — Azevedo—Talleur da Avenida—GUIMARÃES.

Benemerência

Encontra-se entre nós o grande protector e amigo das casas de beneficência vimearanenses, Ex.^{mo} Snr. José Marques Coelho, da cidade do Porto, que mais uma vez as contemplou com os seguintes donativos:

Oficina de S. José	20\$00
Creche de S. Francisco	5\$00
Asilo de Santa Estefânia	5\$00
Asilo de Mendicidade	5\$00
Conferência de S. Vicente de Paulo	5\$00
Caixa de Socorros dos Curtidores	5\$00
Pobres	10\$00
Escudos	55\$00

Bem haja quem pratica actos desta natureza.

**"O SONHO D'UM OPERARIO,"
BREVEMENTE**

Da minha quinzena . . .

«Ano de 1917»

(Cantigas dum lavrador-profecta, ao som dum cavaquinho:)

Num ano novo entramós
Feliz — di-lo toda a gente;
Oxalá nos corra bem,
Nos corra bem, felizmente.

Já o ano que passou
No-lo faziam feliz;
O que é certo é que o destino
Dar-nos a sorte não quiz.

E' bem fatal o destino
Que não nos deu boa sorte:
Em vez de um anjo — a paz,
Um fantasma — a negra morte.

Tanta treva, tanta lagrima,
Tudo negro, escuridão:
Por toda a parte anda a Parca
A estender-nos sua mão.

Não acreditamos, pois,
Que decorra este ano bem:
Só miséria e mais miséria,
Que sorte que a gente tem!

—Ano novo, ano feliz!
Ano sem treva e derrota:
Ano farto na tristeza,
Ano farto na bolota!...

Uma reizada, ontem, a 0 horas...

(Um republicano:)

—Dia de reis, ontem, foi;
Dia de reis já não ha;
Mas dia de presidentes,
De ha uns tempos para cá.

(Um republicano desiludido:)

—Os reis já foram banidos,
São figuras indecentes;
Agora estamos em tempo
De pançudos presidentes!

(Um engraxador:)

—Viva o senhor presidente,
Chefe cá do nosso Estado;
E viva a cordealidade
E o Bernárdino Máchado!

(Um afonsista:)

—Viva a lancha democratica!
Viva o povo e mais a lei!
Viva o *sôr* Afonso Costa
Que de todos nós é rei!

(Um heroi da Rotunda:)

—Viva o *sôr* Antonio Zé
E o Camacho jornalista!
Qual deles o mor talento?
Qual deles o mais fadista?

(Um couceirista:)

—Viva o chefe grão vencido
Que alguém lhe chama Couceiro!
Viva o chefe destemido,
Fugido p'ró estrangeiro!

(Um anarquista *órrible*:)

—Viva a bomba e o morteiro,
A pistola e a navalha!
Fora com os comedores!
Viva a rua, a escymalha!

(Um *sucialista*:)

—Viva eu e vivas tu!
E mais ele e o Fontana!
Vivam lá os quinze dias
De descanso, na semana!...

ZÉ NINGUEM.

Plebiscito de "A Sentinela,"
(a concurso)

O QUE É A SAUDADE?

RESPOSTAS

✕

(A M. A. P.)

A Saudade é como a brisa que perpassa suavemente, deixando na atmospherá muitas vezes saturada de dôr, o echo triste de um beijo perfumado, que em breve desaparece nas azas voluveis do amôr!

Saudade! como sinto a tristeza invadir minha alma ao desprender de meus labios, esta simples palavra, mas quasi sempre acompanhada das mais desoladas acrimonias!

Como sinto em meus olhos marejados, brotarem lagrimas de amargura e sentimento!

A Saudade para mim, em cada dia que passa, é como uma esperança que fenecé, uma alegria que se dissipa e uma illusão que nasce!

Saudade! Quem ha que a não tenha carpido neste enorme oceano da vida, onde o amor incita os corações ao soffrimento e á desventura?

CRAVO ROXO.

✕ I

SAUDADE

Aos Leitôres:

A Saudade é oriunda dum desêjo, como o remorso nasce após o crime; Saudade vivifica num lampêjo uma acção boa ou má que se redime.

E' o mesmo remorso que avassala os espí'tos.—No amor trocou o nome!—A nostalgia que a alma nos abala a prova dá de quanto nos consome.

Olhem p'ra mim e vêjam que tristeza me tomou deste peito a profundeza, sentindo cada vez mais que me mata!...

E' obra da Saudade dos que vi em concurso p'ra se ganhar aqui um estôjo... a luzir como de prata.

Camisolas e ceroulas, meias, ligas e suspensorios

O mais completo sortido

CASA ELEGANTE

Só os leitores, além duma acção boa, podem sarar a crise que me empata dando todos os votos ao Fozcoá.

ADOLFO.

N. da R.

Terminando com o presente numero as respostas ao plebiscito em concurso, a redacção de «A Sentinela», pede a todos os colaboradores e leitores em geral para, no prazo de dez dias a contar d'hoje, imitirem o seu voto sobre a melhor producção, afim de ser conferido o premio ao mais votado.

O QUE É O ODIO?

No proximo numero publicaremos as respostas que nos forem enviadas.

Fiat lux!

Amigo e caro collega *Tirteu*

Se quando escreveu, nas columnas deste humoristico quinzenario, o seu artiguinho «Recordação», visando a minha humilde pessoa, o tivesse feito tão esclarecidamente como agora, isto é, se tivesse posto os pontos nos ii, esta amigavel questão nunca teria vindo a lume.

Pelas ultimas explicações do meu caro collega, vejo que anda em tudo isto um mal entendido de parte a parte, que urge esclarecer.

Pois eu lhe conto para que o amigo diga depois se eu tinha ou não razão no que ultimamente escrevi, dizendo não ter percebido absolutamente nada d'aquillo que o meu caro, havia lançado á luz da publicidade.

Ha precisamente um anno usava eu o pseudonimo de *Paraizo* que hoje substitui por *Segredo*.

Ora como o amigo logo no principio do seu primeiro artigo, dizia que *nas minhas recordações tão chorosas como insulares encontrava toda a semelhança com um mesmo Paraizo que fazia precisamente um anno conheceu com o nome de «Os Infernos»*,

compreendi eu, e qualquer outro no meu lugar comprehenderia o mesmo, que o meu presado collega se queria referir a mim, dizendo que me tinha conhecido com o nome de «Os Infernos». Enganei-me, é certo.

Mas que outra coisa poderia eu suppor?...

Compreendo agora a minha questão? Creio que deve comprehender e sendo o meu presado amigo um pouco coherente, concordará commigo no seguinte: A razão permanecia em ambos os campos e jamais chegaríamos a um accordo, se um raio de luz bem clara não viesse illuminar estas trevas que pairavam sobre as nossas considerações.

Porem esse raio luminoso appareceu no seu ultimo artigo e portanto as pesadas trevas dissiparam-se.

Deixemo-nos portanto de mais retoricas e ponhamos ponto na questão que já vae talvez causando tédio aos amaveis leitores d'este quinzenario.

Mas para futuro, se outro caso identico surgir, afim de se evitar equivocos, seja o meu caro collega e presado amigo, mais explicito nas suas narrações.

SEGREDO.

A pedir a tal bola

Quem é que pede a bola?

Ora quem ha-de ser! E' uma porção de cães que nós temos, que nos vemos atrapalhadissimos com elles!

Só dos lados do Pevidem é uma verdadeira matilha!...

Mas não será uma crueldade?! Isso é para os outros; para estes cães é o melhor remedio.

Crueldade!...

Crueldade sem nome é elles não nos pagarem a assignatura do jornal.

Querem ler de borla!

Mas nós qualquer dia começamos a assobiar por elles a ver se se chegam com as *massas* que nos pertencem!

Olé se começamos!

Isso é que ha de ser bonito!

Pipete paga o que deves.

Diamante pouza aqui os cobres.

Joli não sejas tãoseiro.

Etc., etc. e etc.

Sim, qualquer dia chimpamos-lhes aqui os nomes, que é mesmo um consolinho.

E é bem feito!

Pois está claro que é!

Não faltava mesmo mais nada do que estar a fazer jornaes para aquelles meninos lerem a *giz*, a *mófo*!

E uma pessoa que pague as gravuras, o papel e ature o snr. *Dantas*, que anda sempre em cima de nós com receio de que lhe fujamos ou lhe preguemos o *jé-co*!

Que não satisfaçam a contasi-nha e verão como lhes escarra-pachamos a *sua graça* aqui em letras garrafaes!

Isso é com aquella certeza.

Olé se é!

Quem não póde ou não quer assignar jornaes, ao receber a *primeira visita*, devolve-os immediatamente, e, se é delicado, agradece a gentileza de lhe terem dado a honrosa importancia enviando-lhe a gazeta.

E isto que dizemos a respeito d'aquelles snrs., estende-se igualmente a todos aquelles a quem está *tardando a falla*.

Ou pagam, ou saltam para a galeria dos homens celebres... no calote.

Isso é que saltam.

E' tão certo, como três e dois serem cinco.

Nem Deus nem *S. Jorge* lhes valem.

Ora hão-de ver.

Arre!

Vão pregar cães ao diabo que os carregue e mais á burra!

De que é que as senhoras gostam mais? Do aprumo, da elegancia e do bom gosto, e que o seu galanteador vista de preferencia no «Tailleur da Avenida».

Azevedo — Tailleur da Avenida — GUIMARÃES

EM

FOCO



Maria Arminda é o excelso nome da nossa galante perfilada d'hoje.

Não podíamos de forma alguma deixar de adornar esta galeria de perfis, com mais uma tão mimosa fiôr, colhida n'este alegre Jardim do Minho, onde ha encantos que seduzem e fascinações que enlevam.

Além dos sentimentos divinaes de que é dotada, Ella ostenta uma fina e esmeradissima educação.

O caritativo e nobre coração que se alberga dentro de seu peito, deu-nos o honroso ensejo de a podermos vêr por occasião das festas de Carnaval, assim vestida á maiata, com um grosso cordão d'ouro que lhe cingia graciosamente o pescoço branco como jaspe, recebendo a bendita esmola para as pequeninas orphãs de Santa Estephania.

Como era santa e nobre a sua missão!

Como n'aquelles meigos sorrisos que por vezes viamos brincar em seus labios de coral, se notava a expressão da bondade!

Maria Arminda com os seus lindos cabellos castanhos, o seu olhar dotado d'um sentimentalismo tão doce e d'um carinho tão suave e com a delicadeza habitual do seu gesto, respondia amavelmente a todos aquelles a quem Ella se dirigia.

Ao vel-a hoje aqui retratada com este lindo e vistoso fato de campesina, eu recordo aquelles dias tão alegres em que a poude contemplar, bem de perto, n'aquella missão tão sublime, pedindo o santo obulo da caridade para quem tão cedo se viu a bragos com a desventura.

JOFAMAR.



Caro amigo Artur:

Como director de «A Sentinela» pedes-me, em carta atenciosa, um simples perfil, ou algumas palavras que acompanhem o retrato do nosso bom amigo e moço academico Augusto Cunha.

Não te posso atender porque não sei descrever, em traços rigorosos e precisos pessoas intimas, cavalheiros distintos e amigos sinceros, como seja o Ferreira da Cunha, academico aplicado ao estudo num curso superior e nosso colega ao tempo em que frequentavamos o liceu, onde passamos o melhor tempo intrujando os mestres conforme a nossa habilidade, e tambem os paisinhos, e quando as nossas diabruras de rapazes mortificavam constantemente o Zé André, o bedel Nunes, e o impagavel Cunha, o zangado porteiro.

Bons tempos esses quando gastavamos ingenuamente uns magros cobres em padas da Seráninhas! Hoje a vida, infelizmente, é outra!

O Cunha, cheio de corpo — o Barriguiño — como lhe chamavamos, fóra sempre um belo rapaz, pacato nas suas acções (como ainda hoje), e um trabalhador com os dentes esbranquiçados que, constantemente, trituravam tortas das Cóstinhas, padas, fruta, enfim: tudo quanto fosse comivel e digno do seu paladar, na Seráninhas.

Aplicado ao estudo folheava os livros e martelava muito regularmente milhares de palavras inglesas, dispostas alfabeticamente, em linguados, que o sr. Conego José Maria nos marcava por semana, para mussar-nos a miolreira, e ás tardes, após o jantar, lá seguia ele, mai-lo o nosso inolvidavel amigo Mota Guedes — rapaz inteligente, mas horrivel cábula — que hoje se encontra em Celorico de Basto, e lá iam os dois avenida acima, discutindo livros, cavaqueando animadamente, apreciando a tragedia do Sol-posto e, pelas manhãs, o romper d'alva e a musica dos parádes!

Afinal, reparo que me estou alargando quando não é meu costume. Porisso, meu caro amigo, finaliso a carta, pedindo-te imensa desculpa em não te ser util por esta vez.

Um abraço do teu

OSCAR DINIZ.

“O SONHO D'UM OPERARIO, BREVEMENTE

Ainda as moedas de cobre

Nós, tambem ouvimos dizer que era o snr. Domingos Vinagreiro quem assambarcava as moedas de cobre para depois as mandar vender em terras de Hespanha.

Mas, francamente, nunca acreditamos, porque julgamos incapaz de tal ganancia aquelle nosso estimado amigo. E o snr. Vinagreiro provou á evidencia ter sido victima d'uma calumnia, nascida d'um infamissimo boato o qual é, quasi sempre, filho... de paes incognitos.

Hontem foi o snr. a victima; hoje seremos nós e amanhã sê-lo-hão elles justamente, elles os miseraveis que por ahí vegetam como cogumellos em montureiras.

Mas não faça caso Dominguiños; não faça caso.

E' certo que estas coisas, estas balelas, arreliam, incommodam mesmo, mas desde que uma pessoa tenha a consciencia tranquilla deixa-os fallar, porque... vozes de burro não chegam ao ceu.

A'gora chegam!

E depois, amigo e snr. Domingos, os boateiros são sempre os mesmos, os mesmos que só estão bem a fallar da vida alheia e a deprimir os outros.

A gente conhece-os, felizmente. Não se faz caso, porque... só falla de orelhas quem é fanado.

Pois não é verdade?

O' s'é.

Pois, então, venha de lá um pastel, e um copinho do branco. A' nossa!

Subscrição para o relógio de S. Pedro

Padre Antonio Augusto
Monteiro 10\$00
Redacção de «A Senti-
nela» 2\$00

(Continua.)

GUARDA-CHUVAS E BENGALAS, o melhor sortido

CASA ELEGANTE

CHAPELARIA MARTINS

SECÇÃO LITERARIA

SOFRIMENTO!

A vida longe da mulher amada,
Desse ser meigo que a alma escolheu,
E' bem mais triste que a noite anuviada,
Noite sem estrelas a brilhar no Céu!...

Os dias passam-se: a tristeza aumenta;
A alma geme... geme... e a cada hora,
Aumenta a dor, a magua que atormenta
O pobre peito, que, saudoso, chora!...

Os olhos, ai, esses amortecidos,
Tambem chorosos, tristes, encovados,
Sem a luz meiga dos olhos queridos,
Ficam sem brilho, languidos, pisados!...

VALIERIO.

CONTOS

A barraca do Guarda

a Enlógio Luiz

HERA numa noite fria e humida de inverno. A neve caía em grossas camadas. As poucas pessoas que passavam na rua eram chicoteadas pela fria aragem que corria. Do mar vinha o ruído das vagas alterosas que d'encontro á penedia se despedaçavam em alva espuma. E da velha guarita do guarda da linha, ao Carmo, vinha o reflexo duma luz baça de candeia.

Lá dentro, em cima da cama, já se achava o velho guarda embrullhado numa esfarrapada manta de linhas. Tiritava de frio e batia os poucos dentes que tinha. Que frio, dizia o velho esfregando as mãos, e puchando a velha manta para sobre os hombros, para o grupo de rapazes que lá dentro, sentados num denegrado banco de pinho e cheio de cêbo, o escutavam em silencio. E' verdade, se Manuel. Está uma noite frigidissima, dissera o João Martins, mais conhecido por o Mõcho. Este rapaz, de mediana estatura constituía a alegria do grupo que todas as noites se reunia na pe-

quena barraca do Manuel da linha, pela sua verbosidade jocosa, esquecendo assim as horas amargas de cada dia de trabalho. O velho guarda delectava-se em ouvir aquele grupo de rapazes, enquanto passavam as horas á espera que o ultimo comboio, numa marcha vertiginosa dêsse sinal na ponte. Assim que ele surgia fumegante, ele lá ia, pegando na velha lanterna de furta cores, para dar sinal de livre transito, para o comboio passar.

Finda essa operação recolhia-se novamente á barraca para reatar a discussão com os rapazes que o esperavam.

Para completar o grupo faltava nessa noite o Manuel Marcado, rapaz de regular altura, muito espaduado e dotado duma franca alegria, sempre pronto a acolher com uma forte gargalhada qualquer dito que o velho guarda soltava. Já tardava, diziam todos. Ele é pontual ás noites. Acaba de ceiar e vem a caminho do Club, como ele dizia e que o guarda não gostava de ouvir. Não pode tardar, ouviu-se uma voz do meio da seleta assistencia. Já passam das oito horas, portanto não deve estar por longe, disse do meio do grupo o José Vicente. O guarda muito friorento discutia com o grupo que estava sentado em roda da cama. A certa altura ha uma ligeira rumurejação a meia voz ao ouvirem o velho guarda chamar inclisa a um pequeno prego que segura os rails do caminho de ferro. Salienta-se o Martins que ainda conserva na apparencia o vestigio da ultima gargalhada. O quê, se Manuel. Inclisa? Semelhante nome desde que sou nascido nunca ouvi a ninguem. Que pena não estar aqui o Manuel Marcado. Queria-o ver soltar uma gargalhada estridente, das dêle que, quando se ouvem parece o Mota de Guimarães a rir-se.

O velho guarda não gostava que o contrariassem, e de mais a mais eram termos tecnicos que

ele muito bem conhecia. Portanto não gostou que puzessem em duvida o que dizia com tão profundo conhecimento.

Ouvem-se passos na rua. Todos dizem, ai vem o Marcado. Ele é que vai decidir. Na frouxa claridade surge a figura herculea do nosso homem desejado. Boas noites, meus senhores. Então que ha de novidade? Para o velho guarda: Então as aguas já estão admitidas?

Ai vens tu com as tuas asneiras. Senta-te e falemos noutras coisas.

Apressam-se logo em contar-lhe a scena da inclisa. O Manuel Marcado, depois de lhe exporem a forma como fora dito essa frase, que tanto contrariava o velho guarda, mete as mãos aos bolsos e desata numa risada pegada.

O velho faz um esforço para se levantar e num impeto, nervoso, agarra no pequeno e ferrugento prego e exclama com energia: Então isto é uma inclisa ou não? Seus pedaços de imbecis. Vocês estão bem longe de conhecer a fundo o que só eu, com longa pratica posso dizer sem medo de me emendarem.

O grupo como visse que o velho estava excessivamente exaltado calou-se.

Da igreja do Carmo caíram as dez horas. A neve continuava ainda a cair. E a noite sepultava-se em imensas trevas.

Ninguem passava!

E o guarda, com o esburacado varino com o capuz pela cabeça, despediu amigavelmente aquele grupo traquina, mas que ele tanto estimava ver pela pequenina barraca. Boas noites, se Manuel, exclamaram todos á uma.

E cada um recolheu a suas casas para ao outro dia se reunirem outra vez na barraca do Manuel da linha.

Viana, 17 de Novembro.

SEPULVEDA.

Carta a...

Meu amor:

Escrevo-te da quinta das Lágrimas.

A nostalgia d'este dia triste de inverno e saudades tuas, trouxeram-me aqui, onde apenas se ouve, num murmúrio confuso, o bulício da cidade.

Por isso, eu na tamanha tristeza-a que esta separação nos votou—perdoa-me o falar no plural, mas, por certo, é este o nosso sentir—para aqui vim, quasi sem o notar.

E' que a tristeza tem sempre uma fiel aliada que a anima e conforta: a solidão. O pensar muito na mesma ideia faz bem. Porque o pensamento revolteando sempre em volta dessa mesma ideia umas vezes lhe descobre aspectos tristes, outras, agradáveis.

E eu sosinho, sem que ninguém me perturbe, vejo-te melhor, recordo sem nada omitir, tudo o que dissemos, os doces instantes que tivemos a ventura de passar juntos, de nos apertarmos as mãos...

Como vês só quero encarar o aspecto agradável, para me não entristecer, para te não ir entristecer a Ti, minha querida.

Adeus. Vou-me embora. Já é tarde e ao passar para casa quero lançar esta no correio.

Nestas saudades todas, te pede perdão de ser tão breve o teu

Coimbra—Dezembro.

ANDRINOBER.

«Epa Nova»

Recebemos a visita d'este bem redigido semanario da risonha villa de Barcelos, o que agradecemos.

Vamos permutar.

Mercearia e Confeitaria de ADELINO JOAQUIM NEVES

Rua da República (Feira do Leite)

GUIMARÃES

Completo sortido em artigos de Mercearia e Confeitaria.

Vinhos finos e Licores.

Antonio de Araujo Salgado

Artigos de moda. Fazendas brancas e miudezas. Suspensorios, Gravatas, Meias e Colarinhos. Luvas de algodão, de seda e de pelica para homem e senhora. Ultimos modelos de coletes de espartilhos da fábrica SANTOS MATOS. Chá preto e verde. Vinhos finos da CASA FERREIRINHA.

12, Rua 31 de Janeiro, 24 (Antiga Rua de Santo António)

GUIMARÃES

CASA DUARTE

Fazendas nacionais e estrangeiras. Lanifícios, tecidos d'algodão e bônés. Variado sortido de casimiras e outros tecidos para homem, senhora e criança. Zefires, riscados, cotins, panos brancos e crús, atoalhados, chales, colchas, cobertores, camisas, gravatas, etc.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Manoel A. Pereira Duarte

RUA 31-DE JANEIRO (antiga de Santo Antonio)

GUIMARÃES

Fotografia CARVALHO

Rua de Paio Galvão, 98

GUIMARÃES

Nesta bem montada fotografia executam-se com rapidez todos os trabalhos que lhe forem requisitados, como:

Esmaltes fotograficos para medalhas, retratos em porcelana, ampliações inalteraveis desde 2000 e retratos reclame desde 780 a dúzia.—Trabalhos aperfeiçoados.—Preços, sem competencia.

Camisas e gravatas—Casa Elegante

Antiga Chapelaria Martins

A EQUITATIVA

DE PORTUGAL E ULTRAMAR

Sociedade de Seguros Mútuos sobre a vida

Seguros Terrestres e Marítimos

Seguros de Vida

Seguros contra accidentes de trabalho

Reservat em 31 de Dezembro de 1914, Esc. 510.307\$30

Indemnizações pagas, Esc. 301.266\$34

SEDE SOCIAL: Largo de Camões—Lisboa

NESTA CIDADE:

O conso do Antonio Luiz da Silva Dantas

GUIMARÃES

ALFAIATERIA PROGRESSO DA MODA

—DE—

GASPAR LOPES RIBEIRO

Confecciona pelos últimos figurinos, toda a classe de obra para homens, senhora e crianças, garantindo a elegancia do corte moderno e o seu perfeito acabamento.

93, R. da República, 95

(Antiga R. da Rainha)

aonde esteve a casa HIGH-LIFE

GUIMARÃES

ALFAIATERIA RIBEIRO, F.^o

—DE—

Jacinto José Ribeiro9, Largo da Misericórdia, 10
GUIMARÃES

Confecciona pelos ultimos figurinos tanto para homem como para senhora e criança.

Preços sem competencia.

MERCERIA

—DE—

SILVINO ALVES DE SOUZA

Rua Francisco Agra

GUIMARÃES

Neste acreditado estabelecimento encontram-se á venda géneros de primeira qualidade, tais como: assucar, arroz, bacalhau, massas alimenticias, chá, café, manteiga, queijo flamengo e da serra, bolacha, vinhos finos de diversas marcas, etc.

AVA

Antiga guardasolaria

CARVALHO

Executam-se todos os trabalhos

154—Rua da República—160

GUIMARÃES

Restaurante**Aliança**

R. do Anjo (S. Paio)

Comidas, bons vinhos, quartos, etc.

Bom serviço e

preços económicos.

Proprietario:

Manoel Machado.